

ARQUITETURA VERNÁCULA COM TERRA NO QUILOMBO SACO DAS ALMAS

Saberes, práticas e resistência

NOGUEIRA, Sophia Moura

Mestranda PPG-ACPS/UFMG | sophiamouranogueira@gmail.com

REZENDE, Marco Antônio Penido de

Prof. Doutor PPG-ACPS/UFMG | marco.penido.rezende@hotmail.com

EIXO TEMÁTICO: Usos, técnicas e espaços

Resumo: As arquiteturas vernáculas podem ser compreendidas como uma das manifestações culturais mais significativas dos grupos sociais que as produzem e reproduzem, pois expressam não apenas soluções técnicas para o abrigo, mas também saberes, símbolos e linguagens que concretizam valores, sentidos e concepções de mundo, configurando-se como espaços carregados de significados e práticas cotidianas. Nesse sentido, o Território Quilombola de Saco das Almas, localizado no Maranhão, representa um caso de grande relevância para o estudo da arquitetura vernácula, ao reunir uma rica história de resistência e cultura afrodescendente expressa em festejos, culinária, organização social e também em sua arquitetura tradicional com terra. Nesse território, a produção dos espaços como moradias, locais de trabalho e edificações comunitárias está profundamente vinculada ao uso dos recursos naturais disponíveis e à gestão coletiva do espaço, orientada por saberes tradicionais transmitidos entre gerações. Tendo em vista esse contexto, este trabalho tem como objeto os saberes construtivos tradicionais presentes na arquitetura vernácula do Quilombo Saco das Almas, entendidos como expressões culturais e formas de resistência. O objetivo é investigar tais saberes por meio da identificação e descrição das técnicas e práticas observadas em campo, analisando sua relevância para o desenvolvimento local e para a resistência da comunidade, bem como os desafios e oportunidades para sua preservação e valorização. A pesquisa adota uma metodologia interdisciplinar, que parte da equivalência entre saberes acadêmicos e populares, estruturada em uma abordagem etnográfica apoiada no trabalho de campo. Como resultados esperados, pretende-se evidenciar os processos relacionados ao saber-fazer construtivo tradicional e às formas de transmissão desses conhecimentos, analisando-os para além de sua materialidade, de modo a revelar seus significados simbólicos e reafirmar a importância da arquitetura vernacular como patrimônio vivo e expressão de identidade cultural em contextos de resistência.

Palavras-chave: Comunidades quilombolas, arquitetura vernácula, saberes tradicionais, arquitetura com terra.

VERNACULAR ARCHITECTURE WITH EARTH IN THE QUILOMBO SACO DAS ALMAS: KNOWLEDGE, PRACTICES, AND RESISTANCE

Abstract: Vernacular architectures can be understood as one of the most complete and eloquent cultural expressions of the social groups that produce and reproduce them, as they convey not only technical solutions for shelter but also knowledge, symbols, and languages that embody values, meanings, and worldviews, shaping spaces full of significance and daily practices. In this sense, the Quilombo Territory of Saco das Almas, located in Maranhão, Brazil, represents a highly relevant case for the study of vernacular architecture, bringing together a rich history of resistance and Afro-descendant culture expressed in festivities, cuisine, social organization, and its traditional earth-based architecture. In this territory, the production of spaces such as dwellings, workplaces, and community buildings is deeply linked to the use of available natural resources and collective space management, guided by traditional knowledge passed down through generations. Considering this context, this study focuses on the traditional construction knowledge present in the vernacular architecture of the Quilombo Saco das Almas, understood as both cultural expressions and forms of resistance. The objective is to investigate this knowledge through the identification and description of techniques and practices observed in the field, analyzing their relevance to local development and community resilience, as well as the challenges and opportunities for their preservation and valorization. The research adopts an interdisciplinary methodology that treats academic and local knowledge as equivalent, structured around an ethnographic approach supported by fieldwork. Expected results include highlighting the processes related to traditional construction know-how and the ways this knowledge is transmitted, analyzing it beyond material aspects to reveal its symbolic meanings and reaffirm the importance of vernacular architecture as a living heritage and an expression of cultural identity in contexts of resistance.

Keywords: Communities, vernacular architecture, traditional knowledge, earthen architecture.

ARQUITECTURA VERNÁCULA CON TIERRA EN EL QUILOMBO SACO DAS ALMAS: SABERES, PRÁCTICAS Y RESISTENCIA

Resumen: Las arquitecturas vernáculas pueden comprenderse como manifestaciones culturales elocuentes de los grupos sociales que las producen, pues expresan no solo soluciones técnicas para el alojamiento, sino también saberes, símbolos y concepciones del mundo, configurándose como espacios cargados de significados y prácticas cotidianas. En este sentido, el Territorio Quilombola de Saco das Almas, ubicado en Maranhão, constituye un caso relevante para el estudio de la arquitectura vernácula, al reunir una historia de resistencia y cultura afrodescendiente expresada en festividades, gastronomía, organización social y en su arquitectura tradicional con tierra. En este territorio, la producción de espacios como viviendas, lugares de trabajo y edificaciones comunitarias está vinculada al uso de recursos naturales y a la gestión colectiva del espacio, orientada por saberes transmitidos entre generaciones. En este contexto, el trabajo tiene como objeto los saberes constructivos tradicionales presentes en la arquitectura vernácula del Quilombo Saco das Almas, entendidos como expresiones culturales y formas de resistencia. El objetivo es investigarlos mediante la identificación y descripción de técnicas y prácticas observadas en campo, analizando su relevancia para el desarrollo local y la permanencia de la comunidad, así como los desafíos para su preservación y valorización, a partir de una metodología interdisciplinaria basada en la equivalencia entre saberes académicos y populares, estructurada en un enfoque etnográfico con trabajo de campo. Como resultados esperados, se busca evidenciar los procesos del saber-hacer constructivo y sus formas de transmisión, analizándolos más allá de la materialidad para revelar sus significados simbólicos y reafirmar la arquitectura vernácula como patrimonio vivo e identidad cultural en contextos de resistencia.

Palabras clave: Máx. 5, separadas por punto y coma.

1. INTRODUÇÃO

A arquitetura vernácula, para além de sua dimensão material, constitui uma expressão cultural profundamente vinculada aos modos de vida, às territorialidades e às formas de resistência dos grupos que a produzem. Em *House Form and Culture* (1969), Amos Rapoport afirma que a arquitetura vernácula constitui um dos principais meios de materialização da cultura popular, pois expressa, por meio da forma construída e da organização territorial, as necessidades, valores e modos de vida das comunidades. A arquitetura, nessa perspectiva, não se limita a responder a condicionantes técnicos ou ambientais, mas revela relações profundas com a terra, a família, o trabalho e a organização social. A casa, portanto, ultrapassa sua função de abrigo e se afirma como expressão concreta de uma identidade coletiva.

O Território Quilombola de Saco das Almas, localizado no Maranhão, configura-se como campo empírico privilegiado para investigar como os saberes tradicionais se manifestam por meio das técnicas construtivas e das práticas cotidianas observadas em campo. No território, a produção das moradias e dos espaços de trabalho está diretamente vinculada aos recursos naturais disponíveis e a um conhecimento coletivo que orienta a escolha dos materiais, o sistema construtivo e a organização espacial.

Nesse contexto, o objetivo deste estudo é investigar os saberes tradicionais presentes nas técnicas e práticas construtivas de Saco das Almas e compreender como eles se constituem como formas de resistência. Resistência, aqui, não apenas no sentido de permanência material de uma técnica, mas como afirmação de autonomia, identidade e vínculo territorial frente às pressões externas e às transformações impostas por modelos construtivos e produtivos hegemônicos. Assim, a arquitetura vernacular do território revela-se não apenas como expressão cultural, mas como prática ativa de continuidade histórica e de reafirmação do modo de vida quilombola.

Trata-se de um estudo de caso com abordagem qualitativa, voltado à investigação da arquitetura vernácula em terra no território. A análise fundamenta-se em dados coletados durante o projeto *Tradição, Desenvolvimento Sustentável e Tecnologias Sociais: Redes de Conhecimento e Comunicação no Território Quilombola de Saco das Almas, Municípios de Brejo e Buriti, Maranhão* (2021), desenvolvido pelo Laboratório de Análise Territorial e Estudos Socioeconômicos (LATESE), com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão (FAPEMA). A atuação como bolsista CNPq nesse projeto possibilitou acesso direto às atividades de campo, permitindo o levantamento de informações por meio da convivência com a comunidade, observação participante, entrevistas semiestruturadas com moradores e registro fotográfico das moradias. Posteriormente, a investigação foi aprofundada no âmbito do mestrado, dando continuidade à análise dos saberes construtivos tradicionais e ampliando o diálogo teórico e metodológico sobre arquitetura, território e resistência. A coleta de dados incluiu ainda revisão bibliográfica

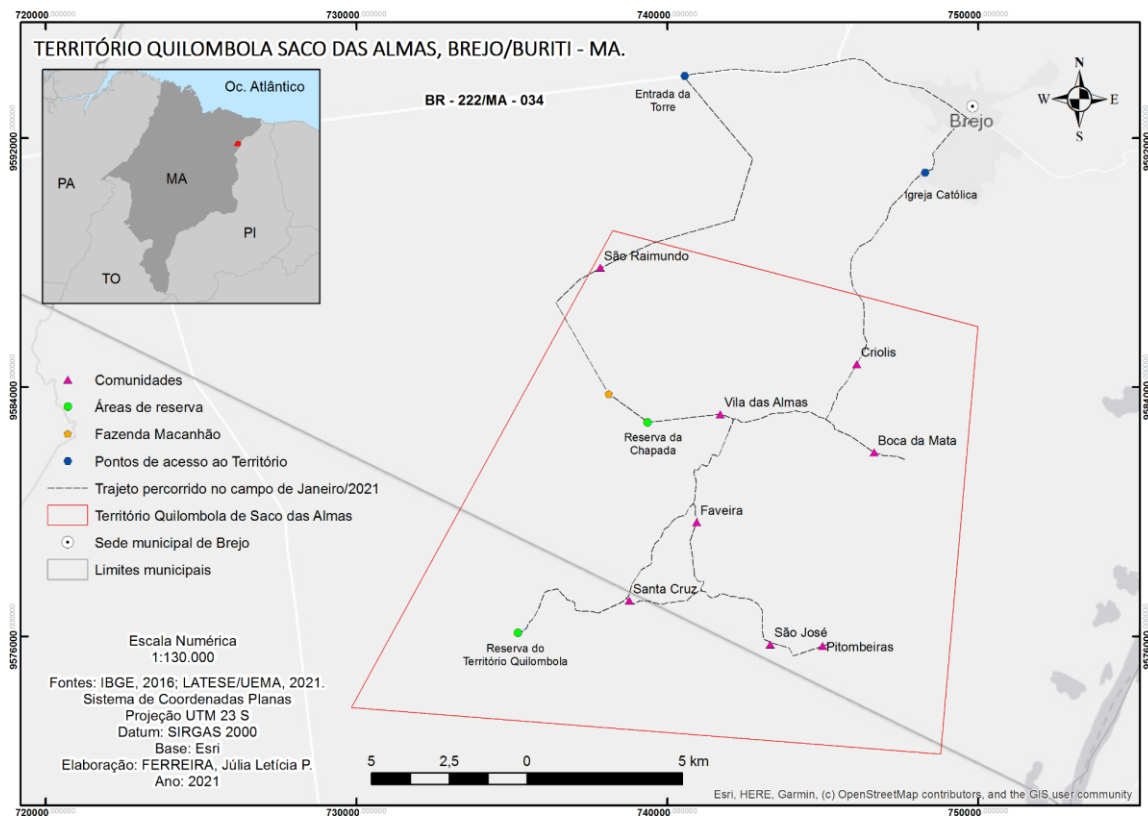
e análise documental, com destaque para laudos antropológicos e dados estatísticos, compondo o conjunto de fontes que fundamentam a pesquisa.

2. O TERRITÓRIO E OS SABERES TRADICIONAIS

Para compreender a arquitetura produzida em Saco das Almas, é necessário, primeiramente, conhecer o território que a sustenta. O Território Quilombola de Saco das Almas não é apenas o cenário da pesquisa, mas o fundamento histórico, cultural e material das práticas construtivas aqui analisadas.

O Território Quilombola de Saco das Almas, reconhecido pela Fundação Cultural Palmares em 2004, é formado por sete comunidades, localizadas nos Municípios de Brejo (Vila das Almas, Faveira, São Raimundo/Boa Esperança, Criolis/Boca da Mata) e Buriti (Vila São José, Pitombeira e Santa Cruz), que possuem cerca de 23.000 hectares, onde residem 1.300 famílias e 5.200 pessoas (Figura 1). Os habitantes de Saco das Almas reivindicam seus direitos territoriais como descendentes de comunidades quilombolas (Furtado, 2014).

Figura 1: Mapa do Território Quilombola Saco das Almas, Brejo/Buriti-MA.



Mapa do Território Quilombola Saco das Almas, Brejo/Buriti-MA.
Fonte: IBGE, 2016; LATESE/UEMA, 2021.

No território, a produção construtiva se adapta aos recursos naturais locais, com moradias feitas a partir de matérias-primas extraídas diretamente da natureza (Figura

2). Essas práticas são reflexo de saberes seculares que formam o padrão arquitetônico das casas, caracterizadas pela utilização de materiais como barro, madeira e palha, que são coletados e usados de maneira sustentável. A apropriação dos recursos se dá por meio do conhecimento coletivo e socialmente construído, gerado e transmitido pela tradição (BRASIL, 2007), denominado de conhecimento tradicional, esse conhecimento técnico é coletivamente gerido e transmitido pela tradição, sendo uma prática essencial para a preservação da cultura local.

Figura 2: Casas na Comunidade de São Raimundo no Território Quilombola de Saco das Almas.



Casas na Comunidade de São Raimundo no Território Quilombola de Saco das Almas.
Fonte: Latese, 2021.

O uso da terra nas comunidades tradicionais envolve um conhecimento técnico e empírico profundo, abrangendo desde a coleta do barro até a escolha das técnicas adequadas para diferentes fins construtivos e domésticos. Além das moradias, os moradores produzem uma série de objetos utilitários, como tijolos, fornos, fogões, utensílios domésticos, móveis e peças decorativas, todos feitos com materiais locais, adaptados às necessidades da comunidade.

Segundo Nogueira et al. (2023) em Saco das Almas, cada comunidade segue um conjunto de regras para o uso coletivo dos recursos naturais. Qualquer atividade de extração deve ser informada a um representante da comunidade para obter a devida permissão. Após a autorização, a extração é validada e o uso dos materiais é permitido para fins pessoais. Da mesma forma, a construção de novas casas requer autorização

para a retirada dos materiais necessários, além da mobilização da força de trabalho da comunidade. De acordo com Castro (2006), as relações estratégicas que estas comunidades mantêm com o meio natural provém da relação entre a sociedade e a natureza firmada com apossamento coletivo do território e uso e manejo dos recursos naturais como condição para a sobrevivência grupal.

O Quilombo Saco das Almas revela-se particularmente relevante para o estudo da arquitetura vernácula por manter vivos saberes construtivos tradicionais associados ao uso da terra como principal material de edificação. Diferentemente de contextos em que as técnicas vernaculares sobrevivem apenas como referência histórica ou como prática residual, na comunidade essas técnicas ainda integram o cotidiano e estão vinculadas ao modo de vida local. A construção das moradias não se reduz a uma solução técnica, mas expressa formas de organização social, relação com o território e transmissão de conhecimentos entre gerações.

Entretanto, o território não se mantém imune às pressões contemporâneas. A comunidade enfrenta ameaças externas e internas que tensionam a permanência de seus saberes construtivos tradicionais. Entre elas, destaca-se o avanço do agronegócio na região, que altera a dinâmica territorial e impacta diretamente as formas tradicionais de uso da terra. Soma-se a isso a crescente industrialização da construção, que introduz novos materiais e técnicas desvinculados dos processos locais de produção, e a migração de jovens e adultos para centros urbanos, fenômeno que fragiliza a transmissão intergeracional dos conhecimentos construtivos.

Com a industrialização da construção civil, o surgimento de novos materiais, novas maneiras de construir, programas de moradias e todo tipo de facilidade que a vida moderna tem a oferecer, a edificação passou a ter uma conotação de produto (Asquith e Vellinga, 2006). Como consequência, a chegada do moderno e a introdução de materiais e técnicas não vernáculos em um contexto tradicional faz com que o conhecimento tradicional seja enfraquecido (Oliver, 1990).

Segundo Glassie (1990), a perda da tradição vernácula está usualmente associada à criação de barreiras que interferem nas interações sociais e atingem o cerne da sociedade, onde, o que era baseado na relação de confiança, passa a ser uma relação de exploração socioeconômica. Atentas às mudanças culturais que vêm ocorrendo em suas comunidades, lideranças de comunidades quilombolas estão buscando meios de preservar seus costumes e estão se organizando para buscar novas formas de manterem seus valores tradicionais em uma sociedade contemporânea baseada na cultura do efêmero.

Na região agronegócio utiliza práticas como a eliminação da biodiversidade para dar lugar à monocultura da soja e uso sistemático de agrotóxicos, levando à perda de plantações e criações de pequenos animais, ameaçando também recursos naturais com os quais produzem suas casas e demais construções predominantemente

edificadas com terra e madeira, isso afeta ambiente, o modo e condições de reprodução de vida dos quilombolas. Em contrapartida, a população de Saco das Almas resiste às invasões e conflitos, organizando-se coletiva em grupos que buscam garantir seus direitos territoriais e reproduzindo entre gerações suas práticas culturais, que podem ser interpretadas como festividades, crenças, a relação harmônica estabelecida com a natureza, suas relações de trabalho, a forma como produzem e vivenciam o espaço. Nesse sentido, é de extrema importância o estudo, registro e divulgação dos saberes construtivos tradicionais dessa comunidade, pois ao tempo que denunciam o genocídio cultural contribuem para sistematizar o saber tradicional local e fortalecer a sua permanência entre as comunidades.

3. DA TERRA AO LAR

Para além de mero abrigo físico, a casa produzida nesse espaço envolve saberes tradicionais sustentados por um conhecimento técnico e empírico que se manifesta desde a escolha e retirada dos materiais da natureza até a definição da técnica construtiva, a produção dos elementos e o uso do espaço. As construções se adaptam aos recursos disponíveis no território, tendo como matéria-prima principal os elementos encontrados na própria natureza, o que evidencia a permanência de saberes seculares vinculados ao padrão arquitetônico das moradias.

De acordo com Manoel Texeira, mestre quilombola entrevistado em 2021, em todo o seu conhecimento sobre técnicas construtivas e extração dos materiais foi adquirido por experiências obtidas ao longo da sua vida e se dispõe a ensinar essa sabedoria popular a todos que se proponham a aprender. O que comprova que além da habilidade de produzir sua própria moradia, possui o poder de transmitir esse conhecimento para as próximas gerações. O que corrobora a afirmação de Crouch e Johnson (2001, p. 25) que grande parte da população mundial, aproximadamente a metade, sabe como construir habitações e passar seu conhecimento para gerações futuras. Segundo os autores, em se tratando de culturas tradicionais, mesmo que elas tenham o domínio da escrita, o meio mais comum de se passar o conhecimento entre as gerações é através da conversa e da prática demonstrativa.

Nas comunidades que integram o território de Saco das Almas, observa-se a predominância da técnica dos blocos de adobe (Figura 3), cuja utilização exige domínio sobre a coleta e preparo do barro, bem como sobre sua aplicação adequada para diferentes finalidades construtivas e domésticas. Para além das casas, os moradores produzem diversos objetos utilitários — como tijolos, fornos, fogões, utensílios domésticos, móveis e peças decorativas — todos confeccionados com materiais locais e adaptados às necessidades da comunidade.

Figura 3: Casa de adobe na Comunidade de São Raimundo no Território Quilombola de Saco das Almas.



Casa de adobe na Comunidade de São Raimundo no Território Quilombola de Saco das Almas.
Fonte: Latese, 2021.

De acordo com Moniz Filho (2018), as moradias foram inicialmente feitas a partir da técnica de taipa de mão e posteriormente foram feitas utilizando o bloco de adobe coberto com palha, material este extraído dos arredores do lote ou na própria região, sendo observado também que nas duas aplicações, tanto na taipa de mão quanto no adobe, as moradias assumem uma forma predominantemente retangular.

A partir de informações registradas por meio de entrevistas com os moradores do território de Saco das Almas, observa-se que a construção das moradias está diretamente vinculada aos recursos disponíveis na própria comunidade. O barro utilizado na produção dos blocos de adobe é retirado do próprio território, assim como a madeira empregada nas estruturas de cobertura, esquadrias e demais elementos construtivos. Segundo os relatos, esses materiais exigem cuidados específicos quanto à escolha e ao momento adequado de extração, especialmente a madeira, que deve ser retirada no tempo correto para garantir melhor desempenho e durabilidade. Os moradores destacaram ainda a importância de respeitar as fases da lua, consideradas determinantes para a qualidade e o comportamento do material ao longo do tempo.

Também foi registrado que o adobe é, em geral, produzido pelos próprios moradores (Figura 4), que dominam as etapas de preparo do barro, moldagem e secagem dos blocos; em alguns casos, quando há maior exigência técnica ou necessidade de agilizar a obra, recorre-se à contratação de mão de obra paga. Outro aspecto enfatizado nas entrevistas refere-se ao sistema construtivo como prática coletiva: a construção da

casa mobiliza redes de solidariedade, reunindo familiares, amigos e conhecidos em mutirões, nos quais a colaboração comunitária desempenha papel central.

Figura 4: Senhor Manoel Teixeira, habitante da Comunidade de São Raimundo, moldando tijolos de adobe.



Senhor Manoel Teixeira, habitante da Comunidade de São Raimundo, moldando tijolos de adobe.
Fonte: Autora, 2021.

9

Para investigar a moradia em Saco das Almas, foram realizadas entrevistas e registros arquitetônicos em casas pertencentes a oito famílias do território. A partir desse levantamento, identificou-se a predominância de moradias com planta em formato retangular e com a fachada principal voltada para a via de acesso. A pesquisa de campo e os diálogos com os moradores permitiram compreender que a adoção desse esquema construtivo não decorre, necessariamente, de uma decisão formal plenamente consciente, mas integra uma prática consolidada no território, que orienta tanto a organização interna dos espaços quanto a implantação das casas.

Observou-se também que, embora apresentem tipologias semelhantes, as moradias não são reproduzidas em série. Seu dimensionamento varia de acordo com o tamanho do grupo familiar e com as necessidades específicas de cada núcleo doméstico, revelando um processo construtivo adaptativo, que se transforma ao longo do tempo conforme a família cresce ou se reorganiza. Assim, a repetição formal não significa padronização rígida, mas a permanência de uma matriz construtiva comum que admite variações.

Outro aspecto recorrente é a ausência, na maioria dos casos, de delimitação formal dos lotes. Não há muros ou divisões rígidas entre as propriedades, constatando-se apenas, em algumas situações, o uso de cercas que funcionam como limite entre a moradia e a via pública. Essa configuração evidencia uma relação menos fragmentada entre o

espaço doméstico e o espaço coletivo, reforçando a dimensão comunitária que estrutura o território.

O espaço construído da casa, destinada à intimidade da família, ao preparo e ao consumo dos alimentos, se complementam e depende do terreno em que está implantada, onde são instalados os espaços de guarda e beneficiamento da produção da roça, os canteiros com temperos, os locais de banho e as instalações sanitárias. A sombra sob árvores frutíferas para socialização para as conversas de fim de tarde. É nos fundos da casa que também são criados atalhos e percursos para a casa de vizinhos e parentes, que passam despercebidos por um observador desatento.

De acordo com Moniz Filho (2018), ao analisar as moradias de Saco das Almas, observa-se que a sala configura-se como o principal ambiente de acesso e articulação da casa. É nesse espaço que se distribuem os demais cômodos e onde se realizam momentos de convivência, recepção de visitas e descanso, geralmente em redes ou sofás, integrando-se à varanda como área de entrada e socialização com a comunidade. Os quartos, por sua vez, destinam-se ao recolhimento e ao descanso, sendo os ambientes mais recorrentes nas casas, equipados com redes ou camas. O mobiliário é simples, composto predominantemente por mesas e cadeiras de madeira ou plástico, além de sofás, televisão, guarda-roupas e eletrodomésticos como geladeira e fogão.

A cozinha costuma localizar-se nos fundos da casa, mantendo relação direta com o quintal, o que facilita o fluxo entre as atividades produtivas e o preparo dos alimentos. Nesse espaço é comum a presença do fogão de barro a lenha, além da realização de tarefas como a quebra do coco babaçu, a secagem do arroz e o preparo da mandioca para a produção de farinha. Em alguns casos, há duas cozinhas: uma destinada ao preparo tradicional com fogão à lenha e outra equipada com mobiliário e utensílios convencionais. O quintal constitui extensão fundamental da moradia, abrigando canteiros, roças, árvores frutíferas, jirau, casa de banho, além de estruturas como chiqueiro e galinheiro. Em terrenos compartilhados entre familiares, é frequente o uso coletivo dessas edificações, reforçando a dimensão comunitária do espaço doméstico.

Nesse contexto, a casa não se reduz a uma estrutura física destinada ao abrigo. Ela constitui a representação concreta de um modo de vida, materializando valores, saberes, formas de organização social e relações com o território. Sua configuração espacial, os materiais empregados, o sistema construtivo adotado e a maneira como os ambientes se articulam revelam escolhas que expressam pertencimento e continuidade histórica.

A identidade da comunidade manifesta-se, portanto, desde o momento da construção, na retirada do barro, na escolha da madeira, nos mutirões e nas técnicas empregadas, até a vivência cotidiana da moradia, no uso da sala, da cozinha, do quintal e nos vínculos estabelecidos entre o espaço doméstico e o coletivo. Construir e habitar são dimensões inseparáveis desse processo: a casa é, ao mesmo tempo, abrigo, memória e expressão

cultural, síntese material de um modo de viver que reafirma, diariamente, a identidade quilombola no território.

4. CONCLUSÕES FINAIS

A análise da arquitetura vernácula no Território Quilombola de Saco das Almas permitiu compreender que as técnicas construtivas em terra não constituem apenas soluções materiais adequadas ao contexto rural, mas expressões densas de saberes tradicionais, identidade coletiva e vínculo territorial. Ao investigar as práticas observadas em campo – desde a retirada do barro e da madeira, a produção do adobe, os mutirões, a organização espacial das moradias e a relação entre casa e quintal – tornou-se evidente que o fazer construtivo está profundamente articulado ao modo de vida da comunidade.

As moradias não são reproduções padronizadas, mas adaptações que respondem às necessidades familiares e às dinâmicas sociais, revelando um sistema construtivo flexível, coletivo e enraizado na experiência. A casa, nesse contexto, ultrapassa sua dimensão funcional e afirma-se como síntese material de valores, memórias e formas de organização social. Construir e habitar são práticas inseparáveis que atualizam, no cotidiano, a continuidade histórica do grupo.

Nesse sentido, os saberes construtivos identificados configuram-se como formas de resistência. Resistência não entendida apenas como permanência técnica, mas como afirmação de autonomia diante de modelos hegemônicos de produção do espaço que tendem à padronização e à ruptura com o território. Ao manter e reelaborar suas práticas, a comunidade reafirma seu direito de produzir o próprio espaço segundo suas referências culturais, preservando a terra como matéria, memória e fundamento de identidade.

Assim, a arquitetura vernácula em Saco das Almas revela-se não apenas como objeto de estudo arquitetônico, mas como campo de disputa simbólica e política, onde o espaço construído se torna expressão concreta de pertencimento, continuidade e resistência cultural.

5. AGRADECIMENTOS

Agradeço aos moradores de Saco das Almas, em especial a Sebastiana, Clidenor, Manuel Texeira Maria de Fátima e família, Maria José, Maria dos Milagres, pelo acolhimento. Sem o apoio e a disposição de vocês, esta pesquisa não existiria.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001. A pesquisa contou ainda com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão (FAPEMA).

6. REFERÊNCIAS

ASQUITH, L., VELLINGA, M. **Vernacular Architecture in the 21st Century: Theory, Education and Practice**. New York: Taylor & Francis, 2006.

BURNETT, F. L. **Tradição, Desenvolvimento Sustentável e Tecnologias Sociais: Redes de Conhecimento e Comunicação no Território Quilombola de Saco das Almas, Municípios de Brejo e Buriti, Maranhão**. Projeto de pesquisa e extensão. Edital Fapema 2018 Redes Territoriais.

BRASIL. Decreto Federal nº 6040, de 7 de fevereiro de 2007. Institui a política nacional de desenvolvimento sustentável dos povos e comunidade tradicionais. Diário Oficial da União, seção de 8 de fevereiro de 2007, p. 316. Disponível <https://bibliotecadigital.gestao.gov.br/handle/123456789/911> Acesso em: 16 dez. 2026.

CROUCH, D. P., JOHNSON, J. G. **Traditions in architecture: Africa, America, Asia and Oceania**. New York: Oxford University Press, 2001.

FURTADO, Marivania Leonor Souza. **A alma da mangueira e suas raízes de sofrimento**. (Relatório Antropológico do território quilombola Saco das Almas). São Luís: 2014.

GLASSIE, H. **Vernacular Architecture**. Bloomington: Indiana University Press, 2000.

MONIZ FILHO, Manoel Fernando. **Autoconstrução: A moradia de descendentes de quilombolas na Microrregião de Chapadinha**. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Estadual do Maranhão, 2018.

OLIVER, P. Vernacular Know-how. In TURAN, M. (Ed.). **Vernacular architecture: paradigms of environmental response**. Brookfield, USA: Avebury, 1990.

RAPOPORT, A. **House Form and Culture**. Upper Saddle River: Prentice-Hall, 1969.

NOGUEIRA, Sophia Moura; CAMPOS, Laylson Madeira; BURNETT, Carlos Frederico Lago. **Gestão de recursos naturais e resistência frente ao avanço da soja no território quilombola de Saco das Almas, Maranhão**. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL (ENANPUR), XX., 2023, Belém do Pará. Anais [...]. Belém do Pará: ANPUR, 2023.

NOGUEIRA, Sophia Moura. **Usos da Moradia nas Comunidades do Território Quilombola de Saco das Almas, Brejo e Buriti, Maranhão**. Plano de trabalho. Programa Institucional de Iniciação Científica UEMA/PIBIC - CNPq/UEMA/FAPEMA, 2021.